



Núcleo de
**Solidariedade
Técnica**

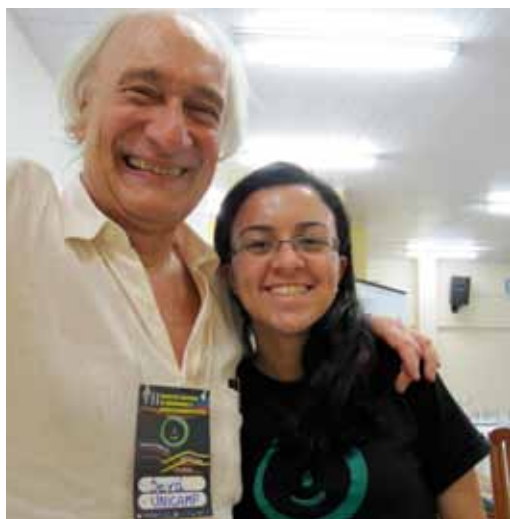
Êêêetcha!

nº 12

EDIÇÃO ESPECIAL:



19 a 21 de setembro em Ouro Preto



Entrevista com Sevá

O Êêetcha! entrevistou Oswaldo Sevá, engenheiro que atua diretamente com os movimentos sociais, mostrando como podemos colocar em prática a outra engenharia de que falamos. Não é à toa que Sevá, depois de participar do VI ENEDS, se tornou uma espécie de orientador do evento, participando ativamente da organização.

Páginas 6 e 7

Onde tudo começou

Como e porque nasceu o ENEDS? Os pesquisadores do SOLTEC Felipe Addor e Flávio Chedid, e a repórter Elis de Aquino contam como aconteceram as primeiras 4 edições do evento.

Páginas 2 e 3



É MAIS...

Saindo de casa: o V ENEDS em SP

Página 4

O VI ENEDS em Campinas

Página 5

Trocas de Saberes nos Vales: o VII ENEDS

Página 8

SOLTEC indica filme, livro e site

Página 9

APRESENTAÇÃO

Um raio-X do ENEDS

Por Alan Tygel

Aqui chegamos, à décima segunda edição do Êêetcha!, o jornal do SOLTEC/UFRJ, toda dedicada ao Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social, o ENEDS.

Nunca é demais lembrar que a história do Encontro se confunde com a história do SOLTEC/UFRJ. Criados em 2004 e 2003, respectivamente, ambos se consolidaram como referências de uma engenharia solidária, social e transformadora.

O SOLTEC/UFRJ nunca saiu de onde nasceu: os corredores do Centro de Tecnologia da UFRJ. Mesmo com projetos de atuação em todo o país, o Núcleo permaneceu firme com sua base na Ilha do Fundão.

O ENEDS, por sua vez, ganhou o mundo. Depois de quatro edições dentro da UFRJ, o evento ganhou vida própria e foi sensibilizar estudantes de engenharia do Brasil afora. São Paulo, Campinas, Teófilo Otoni, e agora, com força total, chega a Ouro Preto.

Neste Êêetcha! especial, procuramos retratar a evolução do ENEDS ao longo dos anos. Para isso, convidamos os organizadores de cada edição para nos contar como foi a experiência de promover um ENEDS, e principalmente, qual foi o legado do encontro em cada lugar.

Sabemos que organizar um evento é tarefa árdua: confirmar palestrantes, construir uma programação, conseguir dinheiro, tudo isso junto com as demandas dos cursos de engenharia. Mas ao longo dos textos fica clara a satisfação dos organizadores, e, sobretudo, os laços de amizade e confiança que se criam. Por onde passa, o ENEDS planta a semente de uma tecnologia libertadora e capaz de viabilizar um novo modo de produção.

Para coroar esta edição, uma entrevista com um engenheiro que se tornou o guru do ENEDS: Oswaldo Sevá, um exemplo de como a engenharia pode contribuir para a construção de uma nova sociedade.

Desejamos um ótimo evento a todos, e até o 9º ENEDS!

O que é o SOLTEC?

O SOLTEC (Núcleo de Solidariedade Técnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro) é um programa interdisciplinar de extensão, pesquisa e formação, que desenvolve projetos em rede com abordagem territorial e participativa, nos campos da Tecnologia Social e da Economia Solidária, visando à construção de políticas públicas para a equidade social e o equilíbrio ambiental.

Por uma engenharia social e solidária, nasce o ENEDS

Por Elis de Aquino, Felipe Addor e Flávio Chedid

Há 7 anos atrás, um grupo de jovens estudantes com um grupo de jovens professores de cabelos brancos, deram início ao que hoje conhecemos como Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social. No longínquo ano de 2004, ainda sem a pretensão de alcançar todo o Brasil, ocorreu o Encontro de Engenharia e Desenvolvimento Social (EEDS) no Centro de Tecnologia da UFRJ. Organizado pelo recém-nascido Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC/UFRJ), o encontro contou com mais de 200 inscritos, 25 artigos apresentados e participantes de diversas universidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Com o tema “elaboração, monitoramento e avaliação de projetos solidários”, buscava-se refletir formas de atuação da engenharia para contribuir na melhoria da qualidade de vida da população. Profissionais de diversas áreas (economia, sociologia, planejamento urbano, e até engenharia) tentavam contribuir para a consolidação de um campo ainda incipiente: “Engenharia e Desenvolvimento Social”. Era principalmente um momento de quebra de paradigmas, de desconstrução de certezas para começar a pensar novos rumos.

O auditório estava lotado e pudemos todos ver de perto grandes nomes, entre eles o escritor e militante referência de quem buscava uma alternativa ao modelo econômico vigente, Paul Singer. Bradando conceitos de economia solidária, autogestão, comércio justo, o professor, com sua gentileza e coragem, levantou o ânimo de todos presentes ao apresentar os avanços das políticas de Economia Solidária no Brasil e mostrar as necessidades e as possibilidades de atuação das engenharias nesse campo. Desde o início, marcou uma característica do evento: uma programação cultural que, além de ter qualidade, buscava trazer projetos culturais de transformação da realidade de crianças e jovens.

A participação de estudantes e profissionais de outros estados trouxe o estímulo que necessitávamos para dar uma amplitude nacional ao evento, que se concretizou, em 2005, no II Encontro

Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social, também na UFRJ, que contou com cerca de 280 participantes e 26 artigos, de autores cariocas, paulistas, cearenses, catarinenses, gaúchos, paraibanos e pernambucanos. O encontro realmente tornava-se nacional. Entre os destaques: suspiramos com a crítica poética de Álamo Pimentel, então pró-reitor de extensão da Universidade Federal da Bahia; nos armamos

como um encontro que, apesar de ter como foco a reflexão sobre a atuação tecnológica no desenvolvimento social, está aberto e estimula a interação com outras áreas.

No terceiro encontro, em 2006, também na UFRJ, conseguimos a maior mobilização de estudantes para participar da organização do evento, num rico processo de formação que envolvia, estimulava, chamava aqueles futuros enge-



para a luta com a crítica cortante de nossa pró-reitora, Laura Tavares; vivenciamos a experiência dos trabalhadores da Usina Catende e do Movimento dos Atingidos por Barragens com Marivaldo Andrade e José Hélio Mecca. Com a presenças destes últimos, tivemos a certeza de que as experiências concretas de luta dos trabalhadores deveriam ser parte integrante de qualquer evento acadêmico que se propusesse a questionar o *status quo*.

Nesse evento foi lançado o livro “Tecnologia e Desenvolvimento Social e Solidário”, que foi baseado no encontro do ano anterior. Além disso, começamos a construir uma articulação entre grupos de pesquisa que trabalhavam no mesmo sentido, como o NESOL/USP e a ITCP Unicamp. Em 2005, também foi marcante a presença de profissionais e estudantes de outras áreas além da engenharia, o que foi cada vez mais se ampliando, caracterizando o ENEDS

para o debate e reflexão sobre sua atuação e seu impacto na sociedade. Talvez tenha sido um dos principais resultados alcançados, mas sem desprezar o restante do riquíssimo encontro, que contou com a participação de 350 pessoas e a apresentação de 15 artigos de três diferentes regiões do país.

Em 2007, o IV ENEDS, último realizado na UFRJ, teve o tema “Outra Univesidade, Outra Economia”. Tivemos 374 pessoas inscritas e 17 artigos apresentados. Revimos figuras importantes do primeiro encontro, como Paul Singer e Carlos Lessa. Nos inspiramos com a luta da Justa Trama e a marcante participação de uma de suas trabalhadoras, Nelsa Nespolo, que nos encantou com a principal rede econômica autogestionada do país. Além da bela experiência da Rede Solidária da Pesca, apresentada por José de Andrade, na luta pelo fortalecimento da pesca artesanal no país.

Uma contaminação

Depois de 4 anos, conseguimos realizar uma efetiva mobilização entre os estudantes de engenharia, e de outras áreas, da UFRJ. Ligeiramente, foi possível humanizar o Centro de Tecnologia, trazendo a ideia de que a Engenharia também pode servir para mudar a vida das populações mais marginalizadas do país, sem que isso signifique abandonar seus conhecimentos técnicos e seu valor científico. Pela própria boca dos estudantes, seja organizadores dos eventos, seja participantes, corria pelos corredores a proposta de novas formas de atuação da engenharia.

São diversos os exemplos de engenheiros que passaram pelo SOLTEC, pela organização do ENEDS, e que são unânimes em destacar a importância dessa experiência na sua formação. Estão marcados pelo contraponto necessário para questionar as relações de trabalho que vivenciam. Estão contaminados por uma visão crítica que permite ver a realidade de outra forma, com outros parâmetros; não naturalizam mais as desigualdades, os privilégios, as distorções. Fomos consultar alguns desses engenheiros que passaram pelo ENEDS e que estão traçando sua carreira profissional na engenharia tradicional, e perguntamos sobre a influência do ENEDS em sua formação.

A engenheira Vanessa Carvalho, organizadora do primeiro encontro e que hoje trabalha em uma empresa de varejo, ressaltou que o ENEDS contribuiu na formação dos engenheiros “abrindo horizontes, tornando-os mais sensíveis à realidade e trazendo desafios ainda maiores à sua vida profissional. Em qualquer instituição que esses estudantes forem trabalhar no futuro, ter uma ampla visão da sociedade e do meio ambiente é fundamental”.

Vicente Cunha, outro ex-estudante de engenharia que hoje atua na área de petróleo e que organizou o II, III e IV, destaca que o ENEDS contribuiu em sua formação, primeiro, por permitir “a percepção de que existe um campo vasto de pesquisa e de pensadores acerca de temas de uma engenharia “não convencional”, voltada para questões relacionadas a forma como a sociedade se estrutura e como a tecnologia contribui (positiva ou negativamente)

“o conjunto SOLTEC-ENEDS me permitiu ver que existe sim uma opção de fazer engenharia que promove um verdadeiro desenvolvimento social” - Roy Frankel

para esse cenário”. Hoje no mercado de trabalho, Vicente percebe as distorções políticas do meio tecnológico: “É fácil encontrar financiamento para pesquisar sobre petróleo ou sobre gestão de processos, mas não para pesquisar impactos da atividade exploratória em economias locais frágeis ou gestão de processos em cooperativas e massas falidas etc.”. Ele conclui valorizando o papel do ENEDS na sensibilização do estudante no sentido de perceber que sua atuação profissional, a utilização dos conhecimentos aprendidos na universidade pode ser voltada para o desenvolvimento social do país.

Breno Zurli, do mesmo período de Vicente, também lembra bem do processo de organização dos eventos que participou e da importância para sua formação: “Isso tudo foi definido de uma forma muito democrática com muitas reuniões e discussões que com



certeza foram extremamente enriquecedoras para a minha formação. Particularmente uma discussão que tem tudo a ver com a visão da engenharia que você terá é sobre a (não) neutralidade da ciência, assunto frequentemente abordado nas discussões”.

Ele percebe o ENEDS como um espaço que pode mudar o perfil da engenharia, contribuindo para uma formação mais holística dos engenheiros: “O ENEDS tem duas funções muito importantes na formação dos estudantes de engenharia: levantar a bandeira do

Desenvolvimento Social na engenharia e também aprofundar e enriquecer essa discussão para os poucos engenheiros já familiarizados com o tema.”

Roy Frankel, que organizou o último ENEDS na UFRJ e hoje trabalha no BNDES, afirma que participar do ENEDS e do SOLTEC possibilitaram que ele tivesse uma visão mais ampla sobre as possibilidades de atuação na engenharia: “Posso dizer que o conjunto SOLTEC-ENEDS me permitiu ver que existe sim uma opção de fazer engenharia que promove um verdadeiro desenvolvimento social, não apenas uma manutenção de um estado de coisas que não concordamos. A engenharia sempre foi muito ‘tecnicista’. (...) uma concepção errônea de uma semi-autonomia desse campo do saber faz com que as pessoas considerem que os benefícios da intervenção de engenharia são intrínsecos, não se preocupando em como ou quem vai receber esses benefícios”.

ENEDS com o pé na estrada

Depois de um longo período de construção, consolidação, e a partir do estabelecimento de parcerias estratégicas, decidimos que para que o evento realmente conquistasse um caráter nacional se fazia necessário realizá-lo em outras partes do Brasil, estabelecendo o contraponto em outros cursos de engenharia, que, em geral, não permitem aos estudantes ver nada além do hegemônico. Mais do que um evento catequizador, o ENEDS se propunha a apresentar outros pontos de vista, apresentar as contradições da vida e permitir que os estudantes de engenharia, pautados numa visão crítica da sociedade, fizessem suas opções de trabalho e militância. Mas era preciso expandir o movimento.

Foi assim que, a partir de 2008, aceitamos que o nosso filho precisava sair de casa para crescer. Mas muito bem cuidado pelas mãos de outros engenheiros e engenheiras, que certamente ajudariam muito no seu amadurecimento. E como cresceu! A história só estava começando e o encanto passou a ser recheado de novas culturas e sotaques. Deixaremos, entretanto, que as novas aventuras sejam contadas por seus protagonistas.

O ano em que o ENEDS bateu asas e aterrisou na Politécnica da USP

Maurício Dwek*

No ano de 2008, pela primeira vez desde sua criação nos dias 3 e 4 de setembro, o Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social - ENEDS saiu do colo de seu criador. Após quatro edições organizadas pelo Núcleo de Solidariedade Técnica - SOLTEC na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, o ENEDS bateu asas e foi acolhido por um grupo de professores e estudantes da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - USP. A comissão organizadora, capitaneada pela professora Sandra Rufino - uma pérola do departamento de Engenharia de Produção, sempre envolvida em atividades ligadas à auto-gestão e à economia solidária -, contou com alunos engajados em projetos de extensão da Escola Politécnica como o PoliCidadã; o Grupo de Teatro da Poli ou os Engenheiros Sem Fronteiras. A responsabilidade era grande pois, afinal de contas, era o primeiro passo da "itinerância" desse evento cujas aspirações eram nacionais. Felizmente, pudemos contar com o auxílio à distância de seus idealizadores, que nos aconselharam e ajudaram a conceber os dois dias de atividades. O tema do encontro foi "Os impactos da Engenharia e os limites da sustentabilidade" e, além das apresentações de trabalhos científicos, houve mesas-redondas sobre temáticas diversas como "A tecnologia feita por não-engenheiros", "Projetos de engenharia para o desenvolvimento social", "Tecnologia Social", bem como eventos culturais

como a exposição de obras de arte e um debate em torno de um documentário sobre os impactos da construção de barragens no Vale do Ribeira chamado "O Vale pede passagem" (Kristina Satchell, 2007).

Para comentar o impacto que o evento teve no público presente penso que o maior indicador é observar como a trajetória de alguns membros da comissão organizadora permanece fortemente ligada ao espírito do ENEDS. Os alunos

te e em seguida em Minas Gerais. Assim, ela tem responsabilidade direta na mobilização dos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN que organizaram o 1º Encontro Regional de Engenharia e Desenvolvimento Social - EREDS Nordeste uma espécie de pré 8º ENEDS que ocorrerá na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP.

Quanto a mim, o ENEDS me mostrou que há espaço na Universidade



Nathália Sautchuk Patrício e Fernando Gil continuam atuando em projetos de tecnologias para o desenvolvimento social junto ao PoliCidadã. Recentemente, lançaram um empreendimento auto-produzido (ou seja, com doações voluntárias) para a viabilização do primeiro identificador de cores e cédulas para deficientes visuais brasileiro (www.auiire.com.br), mostrando que um novo foco e um novo sistema para a produção de tecnologias são possíveis. A professora Sandra Rufino foi plantar a semente da engenharia para o desenvolvimento social primeiro no Rio Grande do Nor-

para a reflexão sobre outras formas de atuação do engenheiro e foi no 6º ENEDS, realizado na UNICAMP, que formulei o projeto de mestrado que me trouxe à UFRJ, onde agora desenvolvo uma dissertação sobre o ensino de engenharia e encontro-me diretamente envolvido na Coordenação de Extensão do Centro de Tecnologia.

A cada edição o ENEDS se adensa e ganha maturidade, provocando mudanças profundas em um número cada vez maior de jovens estudantes, não apenas de engenharia. Que venha Ouro Preto! Que venha o 8º ENEDS!

* Formado em Engenharia de Materiais pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e Engenharia Química pela Ecole Nationale Supérieure de Chimie de Lille (França). Atualmente, desenvolve dissertação sobre a formação em engenharia no Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ.

IV Festival de
Tecnologias Sociais e Economia Solidária



Seminário
A Economia Solidária na América Latina
Realidades Nacionais e Políticas Públicas

De 26 a 28 de outubro de 2011 no Centro de Tecnologia da UFRJ

Engenheiro pra quê? Engenheiro pra quem?

Por Laís Fraga*

Organizamos o VI ENEDS em 2009. Acho que em alguns casos o ENEDS foi o início de um processo de organização e crescimento. No nosso caso foi um pouco o fechamento de um processo que já vinha ocorrendo na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp (ITCP/UNICAMP). Dentro desse programa de extensão, temos um grupo de estudo formado por estudantes de engenharia, arquitetura e outras áreas exatas, que trabalha diretamente com grupos populares com assessoria nas questões tecnológicas e de produção. Nesse trabalho de educação popular, de estudo e reflexão, muitas questões trazidas pelos ENEDS

estavam presentes. Por isso, sempre acompanhamos o ENEDS, sua organização e os grupos envolvidos, especialmente o SOLTEC. Nos sentíamos tão solitários nessa atuação que encontrar parceiros e parceiras no ENEDS sempre foi muito importante. Até que um dia fomos sondados para orga-

nizar o ENEDS e a resposta, apesar de um pouco apreenhivos, foi um forte SIM!

E então começamos a procurar mais parceiros dentro da Unicamp e ampliar a organização para além da Incubadora. E o grupo cresceu... e durante um ano fizemos reuniões quinzenais (as vezes semanais). Tínhamos duas grandes preocupações. A pri-

meira era que o processo de organização do ENEDS fosse também um processo de reflexão e aprendizado para todos os envolvidos. Por isso, pensar uma mesa, escolher seu tema, os convidados e as convidadas, o formato, a metodologia, tudo era discutido coletivamente. Sim, deu muito trabalho, mas acredito que

foi importante para os envolvidos. Muitos disseram que nunca tiveram um espaço como aqueles de discussão, outros nunca tinham escutado falar sobre os temas escolhidos, outros aprenderam muito sobre planejamento e organização de reuniões, de estudo, de evento.

A segunda grande preocupação era organizar um even-

to que tivesse forte relação com os temas da engenharia e da tecnologia. Pensamos que eventos para discutir Economia Solidária, a Universidade, questões sociais, etc. já existiam e, por isso, queríamos discutir a relação disso tudo com a engenharia. Qual o papel do engenheiro? Qual a relação do atual

contexto de desigualdade e miséria com a tecnologia? Com a produção do conhecimento? Com a formação em engenharia? Essas eram algumas questões sobre as quais gostaríamos de refletir durante o ENEDS. Os dias antes do evento foram de muito trabalho, mas muito trabalho coletivo. E o dia... puxa, o dia foi emocionante. Grandes debates, grandes encontros de práticas e reflexões sobre a engenharia e o trabalho com grupos populares.

E digo que foi o fechamento de um processo não porque depois tenhamos parado de trabalhar, mas a organização do ENEDS nos ajudou a sistematizar e a apresentar para um

grande público as coisas que pensávamos, fazíamos, lutávamos. Porque no fim das contas acreditamos que é sobre isso o ENEDS: como o engenheiro pode atuar para superação dessa sociedade tão desigual e injusta. E seguimos lutando... e, por isso, seguiremos acompanhando o ENEDS.



meira era que o processo de organização do ENEDS fosse também um processo de reflexão e aprendizado para todos os envolvidos. Por isso, pensar uma mesa, escolher seu tema, os convidados e as convidadas, o formato, a metodologia, tudo era discutido coletivamente. Sim, deu muito trabalho, mas acredito que

to que tivesse forte relação com os temas da engenharia e da tecnologia. Pensamos que eventos para discutir Economia Solidária, a Universidade, questões sociais, etc. já existiam e, por isso, queríamos discutir a relação disso tudo com a engenharia. Qual o papel do engenheiro? Qual a relação do atual

grande público as coisas que pensávamos, fazíamos, lutávamos. Porque no fim das contas acreditamos que é sobre isso o ENEDS: como o engenheiro pode atuar para superação dessa sociedade tão desigual e injusta. E seguimos lutando... e, por isso, seguiremos acompanhando o ENEDS.

* Graduada em Engenharia de Alimentos pela Universidade Estadual de Campinas e mestre em Política Científica e Tecnológica também pela UNICAMP, é atualmente formadora da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNICAMP) e doutoranda e pesquisadora membro do Grupo de Análise de Pesquisa de Inovação (GAPI/IG/UNICAMP).

apoiamos



ENTREVISTA COM SEVÁ

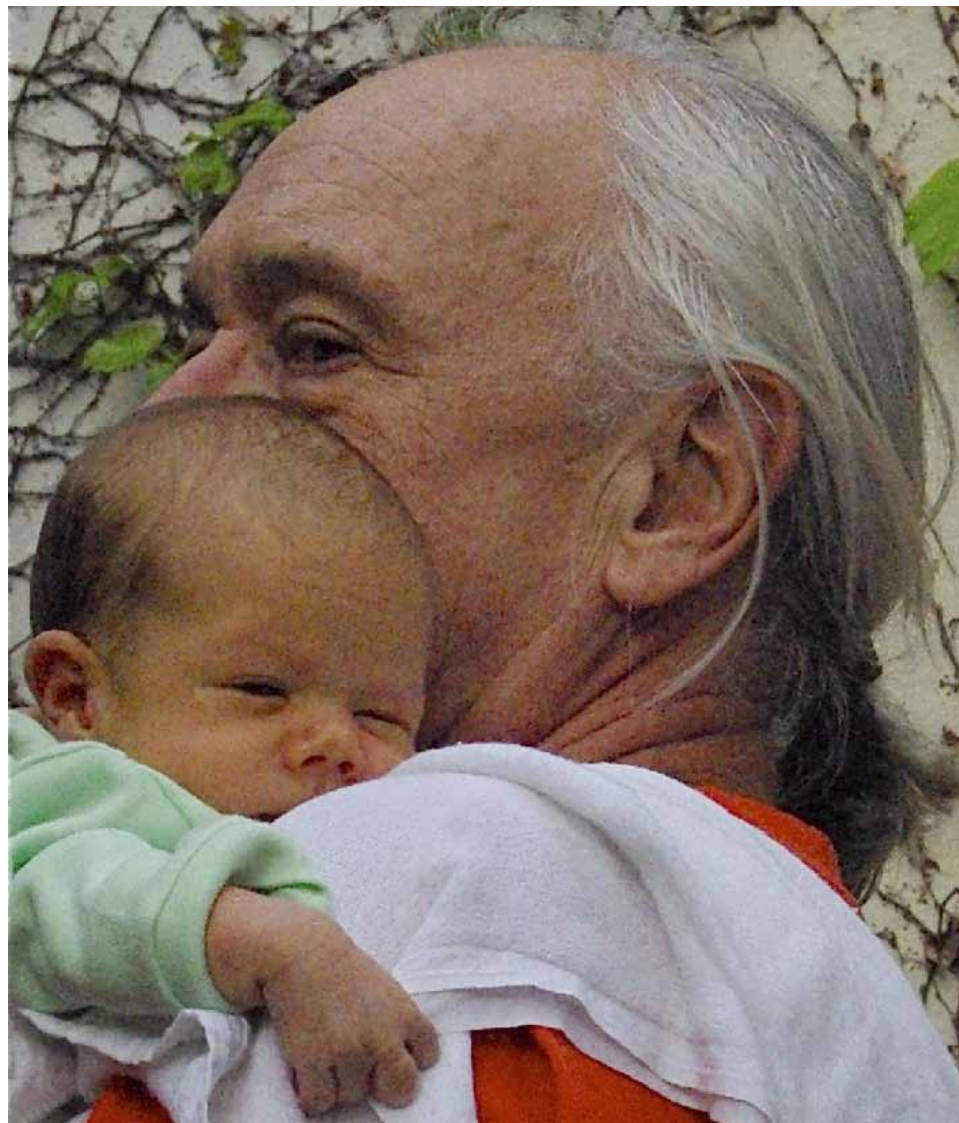
Nesta edição especial sobre o ENEDS, não poderíamos deixar de entrevistar o professor Oswaldo Sevá. Presente no evento desde a sexta edição, Sevá ensina o caminho para ser um engenheiro comprometido com o povo. Atualmente, utiliza todo o seu conhecimento em engenharia de barragens para mostrar as falhas e inconsistências do projeto da Usina de Belo Monte. Com vocês, Oswaldo Sevá!

Êêetcha!: Hoje você é um conhecido crítico da engenharia como ela é no Brasil. Qual foi a trajetória que possibilitou você ter essa postura?

Sevá: No colégio fiz muita política estudantil secundarista, eu era ligado aos grupos católicos de esquerda, com aquele foco em “justiça social”, “realidade brasileira”, “conscientização”, coisas hoje quase esquecidas, mas que foram bem eficazes para mim e tanta gente. Fui eleito presidente de grêmio estudantil duas vezes, delegado em convenções da União Campineira - UCES e paulista UPES, bem na época do golpe de 1964. Naqueles dias, vi os “play boys” e a direita juvenil organizada em Campinas invadir e empastelar a sede da nossa entidade. Com menos de 16 anos tive que ir depor aos oficiais que montaram um Inquérito para apurar subversão no movimento secundarista; aí vi que os documentos que os militares tinham em mãos eram aqueles roubados pelos reacionários na sede da UCES. Tive colegas que foram perseguidos e apanharam dos direitistas. No colégio público, tive alguns ótimos professores, como o de geografia, de História, e especialmente de Filosofia, que foi a Margot, mãe da Maitê Proença que foi cruelmente morta pelo marido enciumado, um Promotor Público!

Na universidade, fiz a Politécnica da USP. A Poli era um antro de reacionários e

filhinhos de papai, e nós que não aceitávamos o golpe e a direitização de todo o país, vivíamos na ansiedade da repressão crescente e, ao mesmo tempo, resistindo culturalmente, forçando a criação de comissões paritárias dentro da universidade e fora, nos manifestando, indo para as passeatas. Depois de três



anos conseguimos tirá-los do centro acadêmico (Grêmio Politécnico). Mas o estrago já estava feito, os direitistas tinham ido como 5a coluna no famoso Congresso da UNE em Ibiúna e dedurado alguns colegas. Dois deles sumiram, depois soubemos que morreram. Enquanto isso, dava aulas em cursinho pré-vestibular, de Mecânica

e Geometria Analítica, sem carteira assinada, claro e sujeito àquelas arbitrariedades e irregularidades dos donos de cursinho. Desse jeito fui aprendendo sobre a vida e a sociedade.

Sempre estudei muito Economia, Sociologia, Psicologia, li muitos romances e vi muito filme de autores

ditadura capitalista sob tutela militar.

Êêetcha!: Você acha que as engenharias estão essencialmente voltadas para atender as necessidades do capital? Por quê?

Sevá: Claro! Porque engenheirar a construção e a produção sob o regime dominante só faz sentido colaborando com a meta, ou dogma, do lucro e do poder crescentes. A engenharia atual se ocupa de três coisas, a meu ver: 1) consertar as coisas quebradas e defeituosas, 2) fazer ou traduzir projetos de coisas novas ou melhores, e 3) fabricar ideologias e retóricas da dominação fabril e social.

Os nossos cursos de Engenharia foram progressivamente abandonando o foco no conserto, na manutenção, o foco no projeto e cada vez mais fabricando retóricas. A Engenharia de Produção, uma novidade promissora quando eu fiz no início dos anos 1970, é o paradigma da ideologização das relações sociais capitalistas.

Êêetcha!: É possível que elas rompam com essa tradição e contribuam para a melhoria da qualidade de vida das pessoas? Qual o caminho para isso?

Sevá: Bem, não dá para ser maniqueísta nem iludido: quando os engenheiros consertam as coisas que funcionam mal ou podem ter risco ao trabalhador, ao usuário, é

bem provável que a qualidade de vida melhora; quando projetam instalações ou materiais ou ferramentas que se destinam a atender pessoas de várias idades, tamanhos e potências distintas, também... quando projetam para utilização pelos portadores de deficiência, para os que ficaram mutilados por acidente, certamente estão dando uma grande contribuição. Agora, no geral, as engenharias estão direcionadas exclusivamente ou prioritariamente para a ampliação do lucro e do poder dos capitalistas; numa sociedade horrivelmente desigual como a brasileira, a contribuição possível para a qualidade de vida fica neutralizada ou até é superada por essa reprodução da desigualdade. Romper com isso a engenharia não vai, a não ser no caso de alguma superação histórica definitiva do capitalismo. Não me cabe recomendar caminhos para isso, embora eu deseje muito que essa superação ocorra. Mas, mesmo dentro do sistema, devíamos todos ser pelo menos reformistas, humanistas, afinal temos que procurar emprego e salário mas ninguém é obrigado a vender a cabeça e apenas reproduzir a máquina de moer gente e utopias em que isso se transformou.

Êêetcha!: Quais as mudanças pelas quais as universidades públicas têm que passar para trilhar esse caminho?

Sevá: Bem, a principal batalha agora é para elas continuarem a ser públicas, no seu financiamento, nas suas regras de preenchimento de quadros e de renovação dos mandatos de coordenação, chefia e direção, e também que sejam cada vez mais públicas na utilização dos seus espaços e equipamentos.

Outra batalha é pela plu-

ralidade ideológica e pelo aperfeiçoamento da multidisciplinaridade, empurrar o sistema para adiante do mundo medieval da cátedra, da censura que ainda vigora, combinada com um neo-coronelismo que define “reservas de mercado” para assuntos, temas, orientandos, disciplinas etc. Continuo lecionando na graduação em Engenharia Mecânica, onde o problema é bem menor, mas na pós-graduação, eu

“ninguém é obrigado a vender a própria cabeça, e o ENEDS já presta um enorme serviço se ajudar a despertar cidadãos-estudantes para que valorizem o fato de ser socialmente consciente”

me transferi para as áreas de Ciências Sociais e Antropologia, onde consegui me credenciar há alguns anos e onde atualmente dou disciplinas e tenho alguns orientandos.

Relacionado com isto, também é crucial para todos nós docentes e também para os estudantes, lutar para escapar do sistema falsamente meritocrático que a indústria editorial de periódicos – por via da Capes e dos colegiados universitários, dominados pelo corporativismo das profissões convencionais – impôs a todos os docentes do sistema. É um absurdo total que as nossas três valiosas e insubstituíveis funções: ensino-pesquisa-extensão sejam avaliadas e, portanto, direcionadas unicamente pelo critério de conveniência capitalista dessa indústria.

Êêetcha!: Como você conheceu o ENEDS? Como foi sua primeira experiência de participação em um ENEDS?

Sevá: Em 2009, quando eu me recuperava de uma cirurgia complicada e ainda estava fazendo quimioterapia, o estudante de engenharia da Unicamp, Ricardo Silveira e o atualmente professor da UNESP Henrique Novaes me convidaram para participar do VI ENEDS em Campinas numa mesa-redonda sobre “o papel do engenheiro”, onde estava também a professora Lili Kawamura que admiro muito.

Já sabia de alguns temas como a Economia Solidária, as Incubadoras de cooperativas, em parte por causa do meu grande amigo Miguel de Simoni, falecido em 2002, e que também participara de iniciativas com o professor Sidney Lianza na UFRJ. Mas o ENEDS mesmo eu não tinha a menor idéia do que era.

Aceitei o convite feito pelo Ricardo e pelo Henrique, depois teve também a Bruna Vasconcelos, que estava na organização do VI ENEDS, e na realidade, foi o meu primeiro retorno “ao palco” depois de quase dez meses dedicados apenas a não morrer e a poder sobreviver com um mínimo de qualidade de vida. Nem pude participar das demais atividades, mas o que vi na mesa redonda, e também no CD com os artigos, e mais a acolhida que tive, me indicaram um ambiente favorável e amigoso mesmo para dissidentes como eu.

Depois, em 2010, fui con-

vidado com bastante antecedência, e apesar de minhas aulas na Unicamp, fui por quatro dias a Teófilo Otoni e participei de tudo que foi possível, exceto aquelas esticadas noturnas que minha saúde não permite mais. Tive uma ótima recepção por parte do Tiago, da Clara, da Lina e de todo o pessoal da UFVJM, reencontrei pessoas que admiro como o prof. Francisco Lima, da UFMG, o “Motoca” que havia me convidado há muitos anos para uma palestra na UNESP Araraquara, conheci muita gente boa, tirei um monte de fotos, e fiquei bem emocionado com todo o evento, aquela estudantada numerosa e ávida de informações e opiniões sobre tanta coisa, e especialmente no encerramento, com o Padre Giovanni, o Tião Violeiro, uma solenidade-festa inesquecível, que fez bem à nossa alma.

Êêetcha!: Você acha que o ENEDS pode vir a representar realmente um espaço de construção de uma proposta alternativa de atuação dos engenheiros?

Sevá: Não sei se teremos ou se vocês terão de fato a oportunidade de criar uma proposta alternativa de atuação, porque o mundo está ficando cada vez pior, e o mundo empresarial mais ainda. Mas, como já disse, ninguém é obrigado a vender a própria cabeça, e o ENEDS já presta um enorme serviço se ajudar a despertar cidadãos-estudantes para que valorizem o fato de ser socialmente consciente, crítico, intelectualmente esperto e alertado para a enrolação doutrinária geral que rola por aí, infelizmente com boa audiência nas faculdades de engenharia.

NETS: FRUTO DE UMA TROCA DE SABERES ENTRE OS VALES E O BRASIL

Ângelo L. V. Santos, Audrey D. Magalhães, Clara C. Camargos, Ivy A. D. Magalhães, Lina de A. Sales e Thiago N. Rodrigues*

Durante o VI ENEDS, que ocorreu na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, promovido pela Incubadora de Cooperativas Populares - ITCP/UNICAMP, houve uma grande participação de estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, do curso de Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BC&T). Neste encontro, os estudantes sensibilizados com a temática do evento abraçaram a causa e começaram as articulações para a realização do VII ENEDS, na UFVJM, campus Mucuri, na cidade de Teófilo Otoni-MG. A proposta de realizar o encontro em uma universidade recém construída, distante dos grandes centros, possibilitaria a ampliação de novas perspectivas para o desenvolvimento social.

O VII ENEDS teve como força motriz a vontade dos alunos do curso de BC&T em mostrar para seus colegas de graduação a possibilidade que o engenheiro tem de trabalhar com questões sociais, algo tão pouco difundido entre o meio acadêmico. Essa edição do evento teve como proposta, realizar uma “Troca de Saberes entre os Vales

e o Brasil”, o que acabou se tornando o tema do encontro. Da necessidade de divulgação das possibilidades de atuação e pesquisa em engenharia relacionada ao desenvolvimento social da região dos vales do Jequitinhonha e Mucuri, surgiu o objetivo do evento, bem como sensibilizar o estudante de graduação para a extensão universitária.

O evento contou com a presença em massa dos discentes da UFVJM e de



muitas outras instituições da região e do país. A participação no evento foi sem dúvidas um momento de crescimento acadêmico e cultural para todos os que estiveram presentes. Já para os membros da comissão organizadora, esse processo foi muito mais amplo porque não envolveu apenas os dois dias de

realização do encontro, mas todo o ano de sua construção.

Como fruto da participação do grupo de estudantes que esteve à frente da organização do VII ENEDS foi oficializado em março de 2011, o Núcleo de Extensão e Estudos em Tecnologias Sociais (NETS), criado com o intuito de estudar, pesquisar, planejar, assessorar e projetar, trabalhos em Tecnologia e Desenvolvimento Social e Solidário. O núcleo tem como principal objetivo possibilitar uma formação interdisciplinar e integrada em tecnologias sociais para promover e contribuir com o debate acadêmico, colaborando com a formação de redes entre Universidade e Sociedade, visando a transformação social, o intercâmbio e o enriquecimento do ensino e da aprendizagem destes temas no nosso meio, acreditando que à Universidade cabe “conhecer o Brasil, seus problemas e propor soluções” (PINTO, Álvaro Vieira. A questão da universidade. São Paulo, Cortez, 1986). Atualmente, o NETS desenvolve ações com diversos parceiros, entre eles estão organizações da UFVJM e de outras universidades do país.

* Estudantes do Bacharelado em Ciência e Tecnologia da UFVJM e integrantes do NETS



Auditório lotado no VII ENEDS, em Teófilo Otoni

Soltec Indica

Tecnologia e desenvolvimento social e solidário

Organizadores: Sidney Lianza e Felipe Addor. Editora: UFRGS. 270 páginas. 2005

Como aliar engenharia e técnica a causas sociais? É esse o principal tema abordado em Tecnologia e desenvolvimento social e solidário. São apresentados ao leitor modelos alternativos de desenvolvimento tecnológico, nos quais sobressaem as relações de solidariedade em contraposição à lógica capitalista. O livro é composto por artigos assinados por 26 autores de diversas formações, entre eles os clássicos Paul Singer e Michel Thiollent. A diversidade garante a riqueza dos textos e possibilita diferentes abordagens de temas que têm em comum a luta por uma sociedade mais justa e sustentável. São discutidos temas como o papel da universidade na sociedade, metodologias participativas, economia solidária e tecnologias sociais. A iniciativa nasce a partir dos debates do primeiro congresso “Engenharia e Desenvolvimento Social: elaboração, monitoramento e avaliação de projetos solidários”. Uma obra indispensável para ampliar o debate sobre o papel da tecnologia na promoção da justiça social no Brasil.



O veneno está na mesa

Documentário. 50 min. De Silvio Tendler, 2011

O documentário feito para a campanha “Contra os Agrotóxicos e Pela Vida” mostra os prejuízos causados por um modelo agrário baseado no agronegócio. O filme revela como esse modelo de desenvolvimento agrário levou cada brasileiro a ingerir, em média, 5,2 litros de agrotóxicos no último ano. Tendler aborda como a chamada Revolução Verde do pós-guerra acabou com a herança da agricultura tradicional, causando sérios danos ao meio ambiente e à saúde de consumidores e agricultores expostos diariamente à intoxicação, tudo em nome do lucro das grandes empresas. Em contraponto, são apresentadas iniciativas agroecológicas em defesa de um outro modelo de produção agrícola. “O veneno está na mesa” é um filme livre, e já pode ser baixado integralmente pelo site do SOLTEC/UFRJ.



Site do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

<http://www.mst.org.br/>

Cansado das manipulações dos fatos pela grande mídia? No site do MST você encontra informações sobre a luta pela reforma agrária e contra o agronegócio, meio ambiente, educação alternativa e muito mais. A página apresenta a história do maior movimento social brasileiro e divulga notícias e publicações sobre suas linhas políticas. Lá você também encontrará vídeos, entrevistas e amplo material de consulta, essencial para entender o papel do Movimento no cenário brasileiro e acompanhar de perto as mobilizações sociais que acontecem em todo o país e que, muitas vezes, são criminalizadas pelos veículos de comunicação dominantes.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA
MST

Início O MST Nossa Produção Biblioteca Vídeos Especiais Mural Eu apoio o MST

Loja da Reforma Agrária Indicadores Fale Conosco Assine o Jornal Sem Terra Expediente RSS Twitter

Chefão da CNA foge de debate sobre agrotóxicos na TV Justiça
José Mário Schereiner, da CNA, abandonou gravação de programa da TV Justiça depois de exibição do documentário “O veneno está na mesa”, de Silvio Tendler.

PT defende atualização dos índices de produtividade
Congresso do PT aprovou em resolução a defesa da Reforma Agrária.

Feira da Reforma Agrária acontece em Maceió
A feira acontece a partir desta quarta-feira, com programações culturais.

Filhos de assentados no Paraná tem aulas de Judô
Colégio em assentamento no Paraná é pioneiro na oferta do Judô no campo.

Código Florestal: agronegócio tenta flexibilizar lei para devastar o país
Conheça as alterações aprovadas na Câmara e as nossas propostas.

Pela retomada das terras da União invadidas pela Cutrale
O MST promove campanha pela retomada das áreas griladas pela Cutrale. Participe!

Prêmio MST recebe Medalha Abreu e Lima da Casa da América Latina, no Rio de Janeiro
Agronegócio
Silvio Tendler lança documentário

Jornada Via Campesina ocupa Codevasf em Montes Claros, em Minas Gerais
Reforma Agrária
Educação no MST é tema de aula do

Mídia burguesa forma preceito
Acompanha da Via C...
Código p...
Gilberto Carv... conquistas d...
Jornada de...
Código p...
object id="15

Expediente



Marília Gonçalves

Jornalista

Coordenação de Comunicação do SOLTEC/UFRJ

Edição Geral



Sandra Mayrink Veiga

Jornalista

Coordenação de Comunicação do SOLTEC/UFRJ

Edição Geral



Elis de Aquino

Estudante de Jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ

Bolsista do SOLTEC/UFRJ

Redação



Renata da Silva Melo

Estudante de Jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ

Bolsista do SOLTEC/UFRJ

Redação



Diana Helene

Arquiteta e Urbanista

Mestre em Planejamento Urbano pela FAU USP e doutoranda em Planejamento Urbano e Regional no IPPUR-UFRJ

Colaboradora



Alan Tygel

Engenheiro Eletrônico e de Computação e mestre em Engenharia Elétrica pelo PEE/COPPE/UFRJ

Pesquisador do SOLTEC/UFRJ

Diagramação e Redação



Flávio Chedid

Engenheiro de Produção, Mestre em Engenharia de Produção, e doutorando do IPPUR-UFRJ

Pesquisador do SOLTEC/UFRJ

Redação



Felipe Addor

Engenheiro de Produção, Mestre em Engenharia de Produção, e doutorando do IPPUR-UFRJ

Pesquisador do SOLTEC/UFRJ

Redação

Entre em contato com o SOLTEC

No telefone: (21) 2562-7780

No endereço: Avenida Athos da Silveira Ramos, 149, Centro de Tecnologia - UFRJ, Cidade Universitária. Bloco ABC, sala 112. CEP: 21941-909.

No e-mail: comunicacao_soltec@yahoo.com.br

O Êêêcha é uma publicação trimestral produzida pelos bolsistas, pesquisadores e colaboradores do Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ.

Visite nosso Portal na internet e deixe seu comentário.